



A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO POETA LOUCO NO FRAGMENTO DE SÃO JERÔNIMO SOBRE LUCRÉCIO

The construction of the image of the crazy poet in the St. Jerome fragment on Lucretius

José Carlos Silva de Almeida
UFC

Resumo: Na tradução que São Jerônimo fez do *Chronicon* de Eusébio de Cesaréia, encontramos algumas das poucas informações sobre a vida do poeta latino Lucrécio, seguidor de Epicuro. O relato sobre os extremos da existência do poeta – nascimento e morte, a ingestão de uma poção do amor, a loucura, a redação de alguns livros nos momentos de sanidade, a edição póstuma da obra de Lucrécio por Cícero e o suicídio, não é casual, mas serve, como veremos, para construir a imagem de um poeta louco, cuja loucura não seria de ordem clínica, mas sim uma loucura materialista, contrária às proposições do Cristianismo expressas por São Jerônimo e outros Padres da Igreja.

Palavras-chave: Lucrécio, Loucura, Epicurismo, São Jerônimo, Cristianismo.

Abstract In St. Jerome's translation of the *Chronicon* of Eusebius of Caesarea, we find some of the little information about the life of the Latin poet Lucretius, follower of Epicurus. The account of the extremes of the poet's existence - birth and death, the ingestion of a love potion, the madness, the writing of some books in the moments of sanity, the posthumous editing of Lucretius' work by Cicero and suicide, is not casual, but serves, as we shall see, to construct the image of a mad poet, whose madness would not be of a clinical order, but rather a materialistic madness, contrary to the propositions of Christianity expressed by St. Jerome and other Church Fathers.

Keywords: Lucretius, Madness, Epicureanism, St. Jerome, Christianity.

As informações disponíveis sobre a vida de Tito Lucrécio Caro são insuficientes e controversas. Nada sabemos sobre o seu local de nascimento e sobre o seu ambiente de formação, tampouco encontramos indícios no poema *De rerum natura* que nos auxiliem na construção de sua biografia, sendo possível afirmar que ele, plenamente epicurista, se oculta no interior do texto seguindo o preceito do mestre: “vive escondido” (*láthe biôsas*).

A nossa fonte mais importante, e que assinala de modo permanente a história da figura de Lucrécio, é Jerônimo de Estridão (347-419 d.C.), que traduziu o *Chronicon* de Eusébio de Cesaréia (260-339 d.C.),¹ incorporando à tradução informações sobre vários autores latinos extraídas do *De poetis* de Suetônio: no ano da 171ª Olimpíada, ou seja, no 94-93 a.C., Jerônimo registra que:

Titus Lucretius poeta nascitur,
qui postea amatorio poculo in

Nasce o poeta Tito Lucrécio.
Mais tarde ele ficou louco sob

¹ O *Chronicon* ou *Temporum liber* é uma tradução, para o latim, das *Tábuas Cronológicas*, que compõem a segunda parte das *Crônicas* de Eusébio de Cesaréia, acrescidas de um suplemento produzido por Jerônimo como é o caso, por exemplo, da vida dos escritores romanos.

furorem versus, cum aliquot
libros per intervalla insaniae
conscripsisset, quos postea
Cicero emendavit, propria se
manu interfecit anno aetatis
XLIV.²

efeito de uma poção de amor,
mas nos intervalos da loucura ele
compôs alguns livros, que Cícero
editou posteriormente. Ele se
matou quando tinha 44 anos de
idade.

Aquilo que Jerônimo nos oferece em seu excerto é um sintético perfil de Lucrécio, uma espécie de “romance biográfico”, que condicionou os seus sucessores e determinou a imagem do poeta latino nos séculos seguintes. As informações sobre o poeta no excerto jeronimiano dizem respeito fundamentalmente: (1) às datas de nascimento e de morte, (2) à poção de amor, (3) à loucura, (4) ao papel de editor do poema *De rerum natura* desempenhado por Cícero e (5) ao suicídio.

Um problema central, e que ainda hoje não apresenta uma solução, consiste em estabelecer o grau de autoria de Jerônimo no que diz respeito à informação sobre Lucrécio: ele introduziu por iniciativa própria conteúdos originais ou se limitou apenas a recolher uma ou mais tradições pré-existentes? Isto porque, como se observa no excerto, o autor não cita expressamente alguma fonte, ainda que forneça ao leitor um certo número de detalhes que pressupõe uma disponibilidade de informações significativas caso se considere que o *Chronicon* de Eusébio de Cesaréia foi traduzido e ampliado por Jerônimo cerca de quatro séculos e meio após a morte de Lucrécio.

Procurando resolver o problema, se é levado a pensar que Jerônimo leu, se não todas, ao menos algumas das informações do excerto sobre Lucrécio em uma obra ou em um conjunto de obras que não foi conservado.³ Ademais uma tal suposição, longe de resolver a questão, multiplica as nossas interrogações e nos leva a indagar qual seja esta fonte, se contém todas ou algumas informações indicadas no *Chronicon*, ou se, ao contrário, Jerônimo tenha integrado dados significativos ao excerto. Uma outra suposição, ventilada faz algum tempo pela crítica lucreciana,⁴ indica Suetônio como responsável pela paternidade dos dados do *Chronicon*. Uma *Vita Lucretii* deveria estar incluída na seção *De poetis*, hoje perdida, da coletânea suetoniana *De viris illustribus*, da qual, aliás, Jerônimo, em 392 d.C., tomou emprestado o título para escrever a sua versão cristã. Além disso, acrescenta-se que o próprio Jerônimo relata ter traduzido diretamente de Eusébio de Cesaréia a parte da obra relativa ao período decorrido entre Abraão e a tomada de Tróia e de ter, ao contrário, inserido não poucos eventos retomados do *de Tranquillo et ceteris illustribus historicis* para os séculos sucessivos. Suetônio, todavia, viveu entre o I e o II século d.C. e, se os fatos que eles nos relata sobre Lucrécio devem ser considerados por nós em circulação desde então, fica difícil compreender porque não encontramos traços de tais fatos junto aos eruditos mais ou menos contemporâneos como Plínio o Jovem, nem na obra de cristãos como Tertuliano, Arnóbio e Lactâncio.

² JEROME. *Chronicle*. http://www.tertullian.org/fathers/jerome_chronicle_06_latin_part2.htm (último acesso em 29/08/2019), tradução nossa.

³ As informações sobre Lucrécio no excerto jeronimiano dizem respeito fundamentalmente às datas de nascimento e de morte, à poção de amor, à loucura, ao papel de editor do poema *De rerum natura* desempenhado por Cícero e ao suicídio.

⁴ Rostagni (1939) se declarou certo da derivação suetoniana da informação do *Chronicon*. Ele examinou a estrutura da biografia que Jerônimo nos transmitiu e, a partir da análise de alguns núcleos temáticos plenamente conformes à curiosidade anedótica suetoniana e alinhados com os elementos tópicos de outras *vitae* do mesmo autor, chegou à conclusão que o Padre da Igreja deve ter sintetizado um mais amplo conjunto de fatos recolhidos precedentemente por Suetônio. Compartilhando mais tarde a mesma opinião, Alfonsi (1978) sublinhou que o mérito de Jerônimo é de nos ter transmitido a *Vita* suetoniana. Por sua vez, Canfora (1993) considera que não sejam suetoniana algumas das informações contidas no excerto do *Chronicon*. Ele constrói o seu raciocínio baseando-se no fato de que, no contexto de suas obras apoloéticas, Lactâncio nunca relaciona a Lucrécio nem uma loucura clínica, nem o suicídio. Se tais vozes ao redor do poeta epicurista circulassem já a partir do II século d.C., a ausência do seu eco no autor cristão seria inexplicável independente de uma leitura direta do *De viris illustribus*. Canfora propende, portanto, por uma origem tardia, provavelmente de ambiente cristão, se não diretamente jeronimiana, da notícia sobre a tradição da loucura de Lucrécio, de cuja biografia escreve que é a única vida de um poeta latino a quem Jerônimo dedica uma narrativa biográfica tão abertamente ficcional.

Quando passamos a analisar detalhadamente o excerto de Jerônimo, notamos, antes de tudo, a sua concisão. Deixando de lado a hipótese de que se trate de um resumo de uma biografia mais ampla, é preciso salientar que, em muitos casos, o excerto de Jerônimo se restringe a indicar o ano de nascimento, o de morte e o do apogeu de um escritor.⁵ A brevidade fica mais evidente quando se observa que não é mencionado nem mesmo o título da única obra, que a quanto sabemos, foi composta por Lucrécio: o poema *De rerum natura*. Não imaginemos que o poeta epicurista tenha sido o único, ao menos sob este aspecto, a ser ignorado ou negligenciado por Jerônimo, pois os poetas latinos Névio, Plauto, Lívio Andrônico e Ênio são mencionados no *Chronicon* com uma análoga síntese e semelhante generalidade.

A síntese de Jerônimo não deve, em todo caso, ser confundida com superficialidade. Seu propósito não era escrever programaticamente “vidas”, mas uma “crônica”, e o seu objetivo principal é aquele de conferir uma sistematização cronologicamente ordenada a fatos e eventos relativos à biografia dos homens mais célebres e influentes da história. Neste sentido, o excerto lucreciano deve ser analisado, antes de tudo, como uma preciosíssima fonte a respeito da data de nascimento e de morte de Lucrécio, pois os testemunhos existentes antes de Jerônimo, sejam eles provenientes de autores latinos ou de intelectuais cristãos, não nos fornecem nenhuma indicação sobre os extremos da existência do poeta. Vale dizer que nem mesmo as informações de Jerônimo se mostram suficientes para resolver a questão de modo definitivo. O excerto jeronimiano indica uma data absoluta de nascimento e uma data relativa para a morte do poeta, sucessiva a primeira em quarenta e quatro anos. Lucrécio teria, portanto, vindo ao mundo durante a 171ª Olimpíada, mas sobre o ano exato se debateu longamente. A dificuldade teria se originado a partir de uma leitura equivocada segundo a qual o código *Valentianus 495 do Chronicon*⁶ teria colocado o excerto no ano 1921 *ab Abrahamo* (96 a.C.), onde os outros testemunhos indicavam o ano 1923 *ab Abrahamo* (94 a.C.). Se, portanto, podemos fixar hoje o nascimento do poeta em 94/93 a.C., estamos consequentemente autorizados a colocar a sua morte o mais tardar em 50/49 a.C.

Todavia, os problemas de datação não se exaurem, por assim dizer, na tradição aparentemente não concorde do *Chronicon*. Uma confusão maior se originou, de fato, quando se tentou harmonizar as informações que nos foram transmitidas por Jerônimo com um dado lucreciano incidentalmente contido na *Vita Vergilii* de Donato, provavelmente identificável com o gramático Élio Donato, mestre de Jerônimo, para quem Lucrécio morreu no mesmo dia em que Virgílio, autor da *Eneida*, despiu a toga pretexta e vestiu a toga viril com 17 anos, no segundo consulado de Pompeu e Crasso, ou seja, em 55 a.C.⁷ De acordo com a informação de Élio Donato, Lucrécio teria vivido entre 98 e 55-54 a.C. Este testemunho, além de ser impreciso, pois em 55 a.C. Virgílio tinha 15 e não 17 anos, é suspeito porque o sincronismo cronológico entre os dois poetas poderia ter sido inventado conforme o *topos* bem difundido da *traditio lampadis*, a “passagem da lâmpada” (testemunho) de um poeta a outro,⁸ esquema tópico bastante frequente no

⁵ D'ANNA, Giovanni. “S. Girolamo e i poeti latini”. In: *Cultura latina cristiana fra terzo e quinto secolo : atti del Convegno : Mantova, 5-7 novembre 1998*. Firenze : L. S. Olschki, 2001, pp. 284-285. De acordo com D'Anna, raramente é concedido espaço à atividade propriamente literária do *vir illustris*. Falamos de concisão, evidentemente tendo como interesse a biografia de Lucrécio. No *Chronicon* encontramos não poucos excertos mais breves que aquele em exame.

⁶ Outrora código *Amandinus*.

⁷ DONATUS, Aelius, *Vita Virgilii*, 6: “Initia aetatis Cremonae egit usque ad uirilem togam, quam XVII anno natali suo accepit isdem illis consulibus iterum duobus, quibus erat natus, euenitque ut eodem ipso die Lucretius poeta decederet.” [“Ele passou os primeiros anos de sua vida em Cremona, até que ele assumiu a toga viril, que ele recebeu quinze anos após seu nascimento, quando esses dois homens eram cônsules; por acaso, o poeta Lucrécio faleceu no mesmo dia”, tradução nossa]. Disponível em: <<http://digilib.lett.unipmn.it/xtf/view?docId=dl000155/dl000155.xml&query=aelius%20donatus&brand=default>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

⁸ Um dos exemplos mais conhecidos de *traditio lampadis* é certamente o que gira em torno da batalha de Salamina de 480 a.C. A tradição queria que Ésquilo fizesse parte da batalha, que o jovem Sófocles entoasse o canto da vitória e que Eurípides tivesse nascido no mesmo dia, ligando assim os três principais autores trágicos do teatro grego em uma única sequência ideal.

biografismo antigo. Acrescente-se ainda que os poetas Virgílio e Lucrecio encontram-se idealmente conectados um ao outro por terem ambos compostos poemas pertencentes ao gênero didascálico.

Antes de darmos continuidade ao exame do conteúdo do excerto de Jerônimo, é importante destacar informações que não se encontram lá: no *Chronicon*, de fato, não achamos nenhuma indicação sobre a cidade e a região geográfica onde nasceu e viveu Lucrecio, embora no poema lucreciano não faltem indícios de um conhecimento acerca dos acontecimentos, e em geral, da vida de Roma no século I a.C. Tampouco é apresentado o título da sua obra – *De rerum natura* –, que é mencionada com a genérica expressão “aliquot libros” (“alguns livros”). A esse respeito é preciso dizer que são muito raros os trechos do *Chronicon* de Jerônimo nos quais se pode ler o título de uma obra literária: não é citado o *De rerum natura* de Lucrecio, mas não são mencionados também os *Anais* de Ênio ou as *Metamorfoses* de Ovídio.⁹ Do mesmo modo, nada é dito sobre a doutrina filosófica por ele professada tão firmemente: o epicurismo.

Aquilo que, ao contrário, encontra espaço no excerto são a notícia da ingestão de uma poção de amor, a de uma loucura subsequente, a redação de um certo número de livros nos intervalos de lucidez, a edição póstuma dos livros por Cícero e o suicídio do poeta. A sucessão destes eventos não é casual visto que a premissa da loucura do poeta não pode deixar de afetar a leitura dos acontecimentos seguintes.¹⁰ Os distúrbios mentais se apresentam portanto como um traço dominante que regula e determina toda a existência do poeta. É próprio a loucura, aqui expressa, pela primeira vez, em termos claramente clínicos, o dado caracterizante do excerto: a ingestão da poção, de fato, parece ter comprometido irremediavelmente a estabilidade psicológica do autor, condicionando a modalidade de composição da sua obra, deixada em um estágio no qual necessitava ainda de cuidados posteriores, e provavelmente provocando o suicídio mencionado ao final da breve biografia.¹¹

A causa desencadeadora de tudo isso teria sido uma bebida misteriosa. Chegado a este ponto, é impossível não encontrar nas poucas linhas do *Chronicon* pelo menos um elemento de ficção, tão claro que não pode escapar nem mesmo a uma leitura superficial, ou seja, a afirmação de que o poeta teria perdido o juízo após ter bebido uma poção de amor, poção que se encontra traduzida também como “filtro de amor”. É possível, porém, que Jerônimo, ou alguém antes dele, tivesse em mente outra coisa. A poção poderia ser entendida, e foi assim interpretada por alguns, como um afrodisíaco ou, mesmo, como o equivalente dos modernos auxílios médicos ao ato sexual.¹²

Caso se dê crédito a esta interpretação, a loucura de Lucrecio seria, então, um efeito colateral de tal remédio. É bom esclarecer que não se trata aqui de negar que um poema como o *De rerum natura* possa ter sido escrito por um louco. Afirmar que uma obra

⁹ D'ANNA, Giovanni. “S. Girolamo e i poeti latini”. In: *Cultura latina cristiana fra terzo e quinto secolo : atti del Convegno : Mantova, 5-7 novembre 1998*. Firenze : L. S. Olschki, 2001, pp. 290-291. No trecho em destaque, D'Anna afirma que “non è pensabile che Girolamo abbia sistematicamente taciuto, negli *additamenta* composti sui loro autori, persino i titoli delle maggiori opere di poesia latina [...], che egli conosceva certamente, se non per una precisa scelta ideologica che lo portò o a limitarsi al dato cronologico necessario per inserire il lemma nel contesto di Eusebio, oppure ad aggiungere notizie di cronaca sui vari scrittori, senza però trattare della loro produzione letteraria”.

¹⁰ PIAZZI, Lisa. *Lucrezio. Il De rerum natura e la cultura occidentale*. Napoli: Liguori editore, 2009, p. 7. Conforme Piazzari, “nella notizia di Girolamo gli elementi in gioco sono legati da rapporti causali”.

¹¹ BOLLACK, Mayotte. *La raison de Lucrèce. Constitution d'une poétique philosophique avec un essai d'interprétation de la critique lucrétienne*. Paris: Les Éditions de Mnémosyne, 1978, p. 76. Bollack considera a poção determinante para explicar a composição do *De rerum natura* nos intervalos da loucura, mas não o suicídio: le philtre et le délire ne sont pas là pour expliquer, le suicide, qui à son tour déteint sur l'œuvre, mais pour rendre compte de la nature particulière de la composition. [...] On comprend ainsi la succession des événements [...] que les critiques n'ont pas compris quand ils cherchent dans la potion l'origine immédiate de la mort”.

¹² Essa sugestão foi recolhida, entre outros, pelo latinista Luca Canali, estudioso e tradutor de Lucrecio, assim como autor de uma biografia fictícia do poeta (*Nei pleniluni sereni*), na qual ele escreve no posfácio: “Lucrezio fece (o faceva?) uso di *pocula amatoria* (bevande afrodisiache, o filtri d'amore). Girolamo in realtà parla di un solo *poculum amatorium*, cioè, in sostanza, Lucrezio si drogava (o si drogò, o fu drogato, una sola volta) per fare l'amore”. Cf. CANALI, Luca. *Nei pleniluni sereni. Autobiografia immaginaria di Tito Lucrezio Caro*. Milano: Longanesi, 1995, p. 152.

de tal extensão e profundidade, seja poética, seja doutrinal, não possa ser o fruto de uma personalidade perturbada seria efetivamente um preconceito banal; preconceito, no entanto, imediatamente refutável por meio de uma quantidade de exemplos extraídos da história da literatura de cada época e nação.¹³ A questão é, ao contrário, estigmatizar que a suposta loucura de Lucrecio, de Jerônimo em diante, resultaria de uma droga.¹⁴ Na verdade, a sequência poção-loucura-poema-suicídio esconde uma tendência ideológica deliberada, a saber, um programático descrédito dos pensadores epicureus pelos cristãos.

Sobre a loucura do poeta, aquilo que nos interessa é observar se existem indícios que possam nos fazer pensar em um distúrbio mental, seja nos testemunhos ao redor do poeta, seja no próprio poema *De rerum natura*. Uma das passagens do poema que teria, por exemplo, contribuído nesse sentido, seria a seguinte: “Acrescenta a isto a loucura que lhe é própria e o esquecimento das coisas”¹⁵. O texto, na verdade uma consideração genérica, sem nenhuma implicação pessoal que possa fazer pensar em uma confissão ou declaração do poeta acerca do estado de sua saúde psicológica, poderia ter sido mal interpretado por um leitor descuidado ou de má-fé, que teria entendido, deliberadamente ou não, “própria” por “minha”.

Se é possível falar acerca de traços de uma loucura, deve ficar claro que nem os sinais internos à obra lucreciana, nem aqueles externos são por si só suficientes para persuadir o leitor de uma tal condição. Diremos antes que é mais verossímil pensar que o estilo particularmente veemente do poema, as descrições de estados de angústia e de delírio possam ter colaborado para a construção da imagem de uma personalidade desequilibrada. O papel que o excerto jeronimiano desempenha neste caso, a partir do final do IV século, foi sem dúvida central ao influenciar a leitura dos testemunhos precedentes e também da obra lucreciana. O verdadeiro nó da questão está em esclarecer se foi verdadeiramente Jerônimo, ou uma fonte a ele imediatamente anterior que não foi conservada, a deduzir ou inventar deliberadamente a versão da loucura e, assim fazendo, a condicionar a releitura das informações lucreciana anteriores, ou se foi antes o conjunto de tais informações a dar origem a uma semelhante notícia incorporada, pois, no *Chronicon*. Os motivos para duvidar que a voz da loucura circulasse já ao tempo de Lucrecio, se ele fosse efetivamente enfermo ou até mesmo que a notícia sobre um tal estado fosse uma elaboração recente, por exemplo de Suetônio, são muitos e o que resta efetivamente é que a primeira fonte inequívoca em tal sentido data de três séculos e meio após a morte do poeta.¹⁶

¹³ PERELLI, Luciano. *Lucrezio poeta dell'angoscia*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1969, p. 16. A este respeito observa Perelli: “ma io direi che è più contrario ad un rigoroso metodo filologico il negar fede alla testimonianza di Girolamo senza argomenti validi, ed aggiungo che questa posizione negativa parte in sostanza da un un preconcetto più che mai arbitrario, cioè dalla opinione che un poema così alto e denso di pensiero non possa essere l'opera di un pazzo”. Da mesma forma já se havia expressado, e com razão, Litchfield: “all this amount scarcely to a presumption. The force of the argument is broken by even a very superficial survey of literary history: its only motive turns out to be a probably which, carried to the limit, would unwrite in large part the works, *multis luminibus ingeni, multae tamen artis*, of Pascal, Cowper, Nietzsche, Swift, Tasso, and Rousseau”. Cf. LITCHFIELD, Henry Wheatland. “Cicero's Judgement on Lucretius”. In *Harvard Studies in Classical Philology*, vol. 24, 1913, p. 158ss.

¹⁴ Não é convincente a afirmação de que a notícia da poção de amor tenha sido constituída desde a época de Lucrecio para explicar o surgimento da loucura. Tal opinião se depara, na verdade, com todos os *argumenta ex silentio* que podemos observar nos autores latinos e cristãos em precedência, e de modo particular com a ausência de referência ao autor epicureu no passo do XXV livro da *História Natural*, na qual Plínio o Velho trata de tais substâncias e recorda a morte do general Lúculo. Vide também a menção à poção no texto da *Vida de Lúculo* 43, 1-2 de Plutarco.

¹⁵ LUCRÉCIO, *Da natureza das coisas*, III, 829, 2015, p. 181. [“adde furorem animi proprium atque obliuia rerum”.]

¹⁶ Wilkinson (1949) defende a tese segundo a qual a loucura de Lucrecio seria derivada de um mal entendido. Mencionamos ao final da nota anterior que Plínio o Velho recorda, no XXV livro da *História Natural*, a morte do célebre imperador Lúculo em razão de uma poção de amor, informação que pode ser encontrada também em *Vida de Lúculo* 43, 1-2 de Plutarco, que indica claramente Cornélio Nepote como fonte. Nepote devia ter falado portanto de uma poção de amor administrada a Lúculo que lhe teria feito perder a razão. Plutarco, ao final do I século a.C., devia ter lido a informação ainda na sua forma correta e a tinha consequentemente inserida na sua biografia do general romano. Supõe-se pois que tenha ocorrido alguma coisa na tradição do texto da vida de Lúculo de Nepote, que não se conserva senão por via indireta em Plutarco, e isto induz em erro Jerônimo ou a sua fonte: “is it not probable that Jerome or his source, by a trick of the eye or memory, confused LUCRETIUS

O excerto prossegue e, em modo igualmente vago apresenta o incidental “cum aliquot libros per intervalla insaniae conscripsisset” (“mas nos intervalos de loucura, ele escreveu alguns livros”). Não é, portanto, informado o número exato dos livros que constituem o poema de Lucrécio: a tradição nos transmitiu seis, mas uma passagem do *De lingua latina* de Varrão fez pensar, no passado, que fossem muito mais: “Desta divisão em dois, Lucílio começa seus 21 livros: buscar o tempo de fecundidade do éter e da terra”.¹⁷ Mas tratou-se tão somente de um equívoco entre os nomes *Lucilius* e *Lucretius*. De resto poder-se-ia compreender a expressão “cum aliquot libros” também como “aliquot ex libros”: neste caso alguns livros teriam sido compostos pelo poeta em um estado de lucidez e outros quando a loucura já o havia acometido. No que diz respeito pois aos “intervalla insaniae”, é fácil imaginar que os defensores da loucura de Lucrécio tenham visto na alternância de fases de lucidez e períodos de delírio uma descrição fenomenológica particularmente precisa do distúrbio mental do autor. Algumas características intrínsecas do poema, tais quais contradições, bruscas mudanças de tom e estilo, podem levar a atribuir semelhantes resultados artísticos a um gênio instável, especialmente durante algumas fases da composição. Todavia, incoerências e incompletudes podem obviamente ser explicadas também com a ausência de uma revisão última por parte do autor.

Prosseguindo com a leitura do excerto de Jerônimo, encontramos outra frase, tão breve quanto densa: “quos postea Cicero emendavit” (“que Cícero editou posteriormente”). É interessante observar a existência de um paralelismo com uma outra passagem do *Chronicon*, aquela relativa à publicação da *Eneida*. Algumas páginas após o excerto sobre Lucrécio, vemos que os poetas Vário e Tuca, amigos de Virgílio e Horácio, no ano 17 a.C., “Aeneidum libros postea emendaverunt” (“posteriormente editaram os livros da *Eneida*”).¹⁸ A semelhança é extraordinária, tanto que é possível cogitar que aquilo que fora empregado por Jerônimo seja um verdadeiro e próprio estilema,¹⁹ que prevê um sujeito (Cícero ou Vário e Tuca), um objeto (os livros do *De rerum natura* ou aqueles da *Eneida*), uma colocação temporal explicitada pelo advérbio “postea” (posteriormente, mais tarde, em seguida) e uma ação realizada pelo verbo “emendare” (editar).

O primeiro emprego do advérbio “postea” significa genericamente “mais tarde” e apresenta um valor de mera sucessão temporal, e é típico do *usus scribendi* de Jerônimo. Por sua vez, o segundo “postea” (posteriormente) do excerto sobre Lucrécio tem o significado mais preciso de “post obitum eius” (“após a sua morte”), e se articula com a “emendatio” de Cícero, ou seja, os cuidados com a edição póstuma do poema *De rerum natura*. A “emendatio” era trabalho de revisão formal e de edição em uma época na qual não havia um conceito de propriedade literária, e o editor não fazia obra documentária, mas empenhava o seu senso de arte, de estilo. Isto demonstra que, se Cícero não aceitou a doutrina de Epicuro expressa nos versos lucrecianos, admirou ao menos o poeta.

A identidade do editor do poema representa uma outra questão. Jerônimo não tem dúvida e investe Cícero da função. Mas é possível indagar o quanto esta informação possa ser devedora da carta de fevereiro de 54 a.C. na qual o orador havia expresso um juízo estilístico elogioso sobre o poema de Lucrécio.²⁰ Existem também outras hipóteses, entre as quais aquelas que querem que a difusão da obra do poeta epicurista se deva ao amigo

with LUCULLUS?” (p. 47). O engano é compreensível e logo explicado caso se considere que a antiga abreviação “Luc.” podia ambigüamente indicar, de acordo com a situação, *Lucretius*, *Lucilius*, *Lucius*, *Lucanus* ou mesmo *Lucullus*.

¹⁷ VARRONE, *De Lingua Latina*, V, 17, 1974, p. 63, tradução nossa. [“Lucilium suorum unius et viginti librorum initium fecit hoc: Aetheris et terrae genitabile quaerere tempus”].

¹⁸ Disponível em <http://www.tertullian.org/fathers/jerome_chronicle_06_latin_part2.htm>. Acesso em: 07 set. 2019.

¹⁹ Termo usado para designar um traço central de estilo e que indica uma constante estilística que se impõe como padrão recorrente.

²⁰ CICERONE, *Epistole al fratello Quinto*, II, 10, 3, 2002, p. 175 e 177: “I componenti in versi di Lucrezio sono così, come tu mi scrivi, scaturiti dal genio creativo che ampiamente rifulge, eppure calati nel vivo di una raffinata arte letteraria”. [“Os componentes nos versos de Lucrécio são assim, como você me escreve, surgiram do gênio criativo que brilha amplamente, mas que caíram no cerne de uma arte literária refinada”, tradução nossa].

Ático, que cumpria o papel de editor no círculo de Cícero, ou a Quinto, irmão mais célebre do Arpinate.

Tão frágil quanto à insinuação sobre a poção de amor é a notícia sobre o suicídio de Lucrecio, notícia essa que não se encontra isenta da suspeita de uma intenção igualmente infamante, ao tentar estabelecer que o ato extremo do autor do *De rerum natura* fosse devido a uma instabilidade mental provocada por uma bebida com propriedades mágicas, sobrenaturais. Recordando que Jerônimo é o primeiro a nos relatar acerca do final da vida do poeta e a nos dizer que o mesmo havia retirado a própria vida, é oportuno observar que na antiga Roma, especialmente na época dos Césares, estava longe de ser malvisto dar-se a morte. Evocando os exemplos de Catão de Útica e de Sêneca, compreende-se que o suicídio era aceito pelos romanos como ato de suprema afirmação do indivíduo e de sua liberdade. Aliás, junto aos patrícios e às classes sociais mais elevadas, o suicídio era uma alternativa magnânima à pena de morte. Todavia, na época em que Jerônimo escreve, os parâmetros ideológicos que dizem respeito ao suicídio encontravam-se bastante modificados: a vida era então considerada um dom, um presente de Deus, privar-se dela era considerado um pecado mortal.

Se considerarmos aquilo que os primeiros cinco séculos de tradição deixaram para a posteridade sobre a figura de Lucrecio, seja entre os grandes nomes da latinidade, seja entre os intelectuais cristãos, podemos afirmar que até o excerto jeronimiano não foi conservada nenhuma *Vita* do poeta. Sem dúvida, Lucrecio foi conhecido e lido. Sobre ele, chegaram até nós os breves e nem sempre em acordo juízos expressos por Cícero, Ovídio, Quintiliano e Estácio. As opiniões destes grandes nomes da latinidade, de épocas e formações diversas, se concentram exclusivamente sobre o aspecto estilístico da obra lucreciana. As menções a Lucrecio nas obras de Cornélio Nepote, Vitruvius, Veleio Patérculo, Plínio o Velho e Plínio o Jovem são antes simples alusões, quase sempre dentro de vastos elencos e confrontos de autores.

Eles, à parte o fato de corroborarem uma ideia geral de um Lucrecio bem presente no panorama latino, não acrescentam muito à difícil reconstrução das suas questões biográficas. Sobre a sorte literária de Lucrecio, todavia, falam sobretudo os muitíssimos passos de Virgílio e Horácio, nos quais temáticas e estilemas do *De rerum natura* são retomadas amplamente ainda que sem indicar neles o autor. Se existisse, como é provável, uma biografia de Lucrecio no *De poetis* de Suetônio, desta não restou nenhum traço cuja paternidade possa ser afirmada com certeza. É possível que uma parte dessa tenha sido incorporada no *Chronicon* de Jerônimo, antes, e, até a esta altura, único testemunho a apresentar, ainda que sinteticamente, uma verdadeira e própria *Vita* de Lucrecio. O ambiente tardo-latino e cristão se mostra, em geral, mais propenso a considerar aspectos dos ensinamentos de Epicuro presentes no poema *De rerum natura* que não coadunam com a doutrina cristã. Nesse sentido, a loucura de Lucrecio não seria entendida, de fato, como uma loucura clínica, mas como a expressão da “loucura” que é o materialismo, e tudo aquilo que sua *physiologia* possa afrontar, tal como, por exemplo, a criação *ex nihilo*, a imortalidade da alma e a ação da Providência Divina.

Referências

ALFONSI, Luigi. “L’avventura di Lucrezio nel mondo antico”. In: REVERDIN, Olivier; GRANGE, Bernard (Orgs.). *Lucrece*. Genève: Fondation Hardt, 1978, pp. 271-321.

BOLLACK, Mayotte. *La raison de Lucrece. Constitution d’une poétique philosophique avec un essai d’interprétation de la critique lucretienne*. Paris: Les Éditions de Mnuir, 1978.

CANALI, Luca. *Nei pleniluni sereni. Autobiografia immaginaria di Tito Lucrezio Caro*. Milano: Longanesi, 1995.

CANFORA, Luciano. *Vita di Lucrezio*. Palermo: Sellerio, 1993.

- CICERONE. *Epistole al fratello Quinto e altri epistolari minori*. Torino: UTET, 2002.
- D'ANNA, Giovanni. "S. Girolamo e i poeti latini". In: *Cultura latina cristiana fra terzo e quinto secolo : atti del Convegno : Mantova, 5-7 novembre 1998*. Firenze : L. S. Olschki, 2001.
- DONATUS, Aelius. *Vita Vergilii*. Disponível em: <<http://digiliblt.lett.unipmn.it/xtf/view?docId=dlt000155/dlt000155.xml;query=aelius%20donatus:brand=default>>. Acesso em: 30 ago. 2019.
- JEROME. *Chronicle*. Disponível em: <http://www.tertullian.org/fathers/jerome_chronicle_06_latin_part2.htm>. Acesso em: 29 ago. 2019.
- LITCHFIELD, Henry Wheatland. "Cicero's Judgement on Lucretius". In *Harvard Studies in Classical Philology*, vol. 24, 1913, pp. 147-159.
- LUCRÉCIO. *Da Natureza das Coisas*. Tradução de Luís Manuel Gaspar Cerqueira. Lisboa: Relógio D'Água, 2015.
- PERELLI, Luciano. *Lucrezio poeta dell'angoscia*. Firenze: La Nuova Italia Editrice, 1969.
- PIAZZI, Lisa. *Lucrezio. Il De rerum natura e la cultura occidentale*. Napoli: Liguori editore, 2009.
- PLINIO. *Storia Naturale*. Vol. III. Torino: Einaudi, 1985.
- PLUTARCO. *Vita di Lucullo*. Vol. I. Torino: UTET, 1996.
- ROSTAGNI, Augusto. "Ricerche di biografia lucreziana". In: *Rivista di Filologia Classica*. Torino, 1939, pp. 113-135.
- VARRONE. *Opere*. Torino: UTET, 1974.
- WILKINSON, Lancelot Patrick. "Lucretius and the Love-Philtre". In: *The Classical Review*, vol. 63, n. 2, settembre 1949, pp.47-48.

Doutor em Filosofia (Pontifícia Universidade Antonianum - Roma, 2005)
Professor do Departamento de Filosofia (UFC)
Professor do PPG Filosofia/UFC
E-mail: jcdafilosofia@hotmail.com